HÉRCULES 56 (2006), por Silvio Da-Rin

Julia Porchat Knudsen[1]

Silvio Da-Rin iniciou sua carreira no cinema como técnico de som. Realizou seu mestrado, que tornou-se livro, na Escola de Comunicação da UFRJ, intitulado *Espelho partido - tradição e renovação do documentário* (Rio de Janeiro, Editora Azougue, 2004). De 2007 a 2010 assumiu a Secretaria do Audiovisual, e posteriormente tornou-se até 2012 gerente executivo de articulação internacional e licenciamento da TV Brasil. Dirigiu os documentários *Fênix* (1980), *Príncipe do Fogo* (1984), *Igreja da Libertação* (1985) e *Paralelo 10* (2011).

Em entrevista ao Instituto Humanistas Unisinos[2], Silvio respondeu à pergunta de como surgiu a idéia do filme *Hércules 56*:

> Há tempos pensava em fazer um documentário que abordasse a luta armada no Brasil, pois é um tema que diz respeito à memória da minha geração. Eu tinha 19 anos quando o embaixador foi seqüestrado. Fui preso dia 16 de outubro de 1969 como militante da VAR-Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária Palmares) e acompanhei os desdobramentos da ação com grande interesse. Torci por ela e a vi não só como um cidadão brasileiro, mas como alguém que estava envolvido na militância contra o regime militar.

Hercules 56 é o nome do avião da Força Aérea Brasileira (FAB) que, em 7 de setembro de 1969, levou para o México quinze presos políticos do Regime Militar (1964-1985). Foram soltos em troca da libertação do embaixador estadunidense Charles Burke Elbrik, capturado pelas organizações de resistência de esquerda Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8) e Aliança Libertadora Nacional (ALN). O acordo, imposto pela guerrilha, incluia também a leitura em rede nacional do manifesto que apresentava a situação do sequestro para o país e a defesa do posicionamento contra a ditadura, defendendo a luta armada.

O documentário Hercules 56 conta a história da captura do embaixador com três linhas narrativas: um encontro no momento da filmagem dos cinco principais líderes da organização do sequestro, que relembram a operação, entrevistas com os

---

[1] Bolsista de Iniciação Científica CNPq, orientado pelo prof. dr. Eduardo Morettin, dentro do projeto "Cinema e história no Brasil: estratégias discursivas do documentário na construção de uma memória sobre o regime militar" (Edital Universal 14/2013 - Faixa B - até R$ 60.000,00, processo número 163194/2015-7). Texto escrito em 2016.

[2] Entrevista feita em 2007 pelo Instituto Humanitas Unisinos, disponível em http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-anteriores/8497-documentario-hercules-56entrevista-com-o-diretor-silvio-da-rin, acesso em 01/05/2016.

[2] Entrevista feita em 2007 pelo Instituto Humanitas Unisinos, disponível em http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-anteriores/8497-documentario-hercules-56entrevista-com-o-diretor-

nove presos políticos libertados vivos, e narração do manifesto juntamente à exibição de imagens e vídeos de arquivo da época.

O reencontro de Cláudio Torres, Daniel Aarão Reis e Franklin Martins (MR-8) e Manoel Cyrillo e Paulo de Tarso Venceslau (ALN), os cinco cabeças da operação, acontece em volta de uma mesa redonda, em clima descontraído de recordação, com direito a risadas, lavação de roupa suja e discussões sobre o que de fato aconteceu. Isso tudo na frente do diretor Silvio Da-Rin, que grava e comenta a conversa. A graça é que a memória de cada um é diferente da do outro. Quase 40 anos depois, cada um relembra sua própria experiência do rapto, apesar de todos reiterarem ter sido um momento muito tenso em suas vidas, de profunda exposição: ao mesmo tempo em que realizaram o maior ato da oposição ao Regime em toda a história do país, passaram a ser alvo direto da Ditadura Militar.

Intercalada à essa entrevista, são escutados, individualmente nove dos quinze presos resgatados: Agonalto Pacheco, Flávio Tavares, José Dirceu, José Ibrahin, Maria Augusta Carneiro Ribeiro, a única mulher libertada, Mario Zanconato, Ricardo Vilas, Ricardo Zarattini e Vladimir Palmeira. Os seis demais, já falecidos, estão presentes por imagens de arquivo da época, sendo eles: Luís Travassos, Onofre Pinto, João Leonardo Rocha, Ivens Marchetti, Gregório Bezerra e Rolando Frati.

Silvio opta por uma maneira mais tradicional de entrevistar os ex-presos políticos neste momento. Se no primeiro momento a câmera era bem solta e movimentada, nos depoimentos individuais ela é um pouco mais engessada em enquadramentos médios e próximos. Entretanto, tanto na mesa redonda quanto aqui, aparecem câmeras e microfones durante as conversas gravadas. Há um estilo de evidenciar os artifícios cinematográficos no filme, o que gera uma sensação de credibilidade no espectador.

Outro recurso utilizado pelo diretor é mostrar em iPads vídeos da época para os entrevistados enquanto filma suas reações. Muitos se emocionam ao recordar de detalhes da operação. Lembranças inéditas dos entrevistados transmitem ao espectador uma sensação de veracidade e sinceridade do material captado por Da-Rin. É comovente para quem assiste, também, quando os ex-presos contam a reação de cada um ao descobrir que seu nome estava na lista da troca do sequestro. As reações variaram de gratidão aos companheiros ao medo de morrer por estar envolvido nesta atividade.

A falta de unidade política entre os presos resgatados é muito citada nos depoimentos. Havia representantes de todas as variedades políticas dentro da oposição à ditadura. Tanto que, quando foram deixados no México, os presos libertos quase se separaram. Se não fosse a insistência de Fidel Castro, que fez questão de recebê-los com exclusividade e festa em Cuba, e a oportunidade de viajar para onde quisessem depois da visita, cada um teria ido para um destino diferente na hora em que foram soltos. Em Cuba, onde Fidel recebeu-os pessoalmente, os ex-presos tiveram opção de treinar para guerrilha e arranjar novas identidades caso quisessem retornar ao Brasil.

Por outro lado, o que é comum a todos é a sensação de vazio que tiveram no período entre o descobrimento de seus nomes na lista e o momento da aterrisagem no México. Por conta das negociações, da fragilidade da operação e pela perspectiva de serem eliminados pelas forças da repressão, os quinze achavam a toda hora que iriam morrer, fosse fuzilados ou jogados do avião. Como diz o ex-preso José Ibrahin, sindicalista, ele só relaxou quando bebeu sua tequila no seu quarto de hotel do México.

O terceiro ponto de vista apresentado no documentário é de imagens e vídeos de arquivo. O manifesto da MR-8 e ALN sobre o sequestro, que é narrado conforme vemos na tela uma réplica digital do documento, aparece junto com depoimentos da época dos entrevistados jovens. Os materiais de arquivo são inéditos. Há muito volume de material disponível devido também à enorme cobertura que a impresa deu ao caso.

O documentário não pretende defender uma tese sobre a resistência à Ditadura ou perpetuar heróis nacionais, como fazem muitos documentários da mesma época. Ao deixar livre a fala e recordação aos entrevistados, uma lembrança sincera e plural do evento é construída. Com diferentes pontos de vista, atinge-se um panorama complexo do evento. Inclusive, abre-se espaço à autocrítica: revivendo o ocorrido, os cinco entrevistados cabeças da operação, e alguns dos nove entrevistados, chegam à conclusão de que o sequestro ao embaixador foi um erro estratégico. É de comum acordo que foi um marco na história brasileira e com certeza o acontecimento de maior peso político realizado pela esquerda. Contudo, o rapto gerou uma ofensiva tão violenta da ditadura que perpetuou a esquerda em posição defensiva até o fim do Regime. A ousadia da guerrilha chamou atenção e fez com que a repressão crescesse exponencialmente, investindo em seus órgãos repressores, como o DOI-CODI, na inteligência contra a guerrilha, no aumento das torturas e no cerco aos opositores.

Fernando Gabeira não aparece no filme, mas é muito relacionado com o evento do sequestro pelo imaginário comum. Isso porque o jornalista escreveu o livro *O que é isso, companheiro?*[3], de 1979, que trouxe bastidores do evento ao público pela primeira vez. O livro foi inspiração para o filme homônimo de Bruno Barreto, de 1997. Entretanto, a participação de Gabeira no sequestro foi circunstancial, o que justifica sua não aparição. Da-Rin explica na entrevista já citada:

> Meu critério era político, queria aqueles que decidiram politicamente que a ação seria feita. Não convidei pessoas de importância fundamental para a operação de captura, como João Lopes Salgado, Cid Benjamin ou a Vera Silvia Magalhães. Então, não convidei pessoas que tiveram uma participação fundamental e não iria convidar justamente o Gabeira que só soube que a ação ia ser feita na manhã da captura. Não soube previamente, não participou do planejamento porque não era da frente de trabalho armado. Era responsável pela edição e distribuição do jornal-panfleto da organização. Tinha alugado uma casa onde estava um mimeógrafo, onde era produzido esse jornal, quando o comando decidiu que o cativeiro seria essa casa, ele, então, que era a pessoa conhecida como o morador da casa para a vizinhança, continuou a fazer a "fachada", entrando e saindo da casa. E foi essa a participação dele.

Fernando Seliprandy, historiador, fala sobre essa questão em sua tese de mestrado[4]. O filme de Bruno Barreto, que é um melodrama histórico, foi muito mal recebido pelas críticas no Brasil, apesar de ter sido indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro naquele ano. Foi acusado de distorcer a história para ter sucesso comercial, desagradando toda uma geração que acompanhou o ocorrido e não se identificou com aquela representação do passado. Isso não só pela figura de Gabeira, mas pelo filme como um todo. Quando *Hércules 56* foi lançado, foi o oposto. Agradou profundamente. Mesmo que não cite Gabeira e nem tivesse a pretensão, foi recebido pela crítica como "a história contada da maneira correta", que fez justiça ao que realmente aconteceu. Seliprandy analisa que o filme acabou vindo como uma anti-versão de *O que é isso, companheiro?*

---

[3] *O que é isso, companheiro*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1979.

[4] FERNANDES, Fernando Seliprandy. *Imagens divergentes, "conciliação histórica": memória, melodrama e documentário nos filmes O que é isso, companheiro? e Hércules 56.* Dissertação de mestrado. 2012. São Paulo/ SP. História/ FFLCH/ USP. Orientador: Marcos Napolitano. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30082012-115331/pt-br.php, acesso em 23/10/2016.